



[www.editora-arara-azul.com.br](http://www.editora-arara-azul.com.br)  
[editora@uninet.com.br](mailto:editora@uninet.com.br)

## **ONDE VOCÊ QUER CHEGAR?**

Por **ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO**

Surda, Professora e Bibliotecária

Membro do Grupo de Estudos Surdos da CED / NUCLEIND  
Mestranda em Lingüística e Doutoranda em Educação pela UFSC

O presente texto tem por objetivo responder a carta, em anexo, publicada por **ANAHI GUEDES DE MELLO** no site "Sentido" (<http://www.sentidos.com.br>) em maio de 2005. Este não é uma carta propriamente dita, mas sim a reunião de alguns pontos, que precisam ser discutidos / esclarecidos e que ofereço para apreciação de todos.

### **Onde você quer chegar?**

Esta pergunta não tem uma denotação agressiva, pois a sintática textual não mostra a entonação e nem a expressividade facial e corporal dos Surdos<sup>1</sup>. Apenas é uma frase sintática que inclui uma estrutura semântica e que indica muitas direções, evocações e imaginações subjetivas. Vamos acompanhar o texto item por item, até chegarmos à conclusão, onde espero colocar com objetividade as razões que me levam a apresentar esta a apresentar esta resposta.

### **Pois bem, onde você quer chegar?**

Em nome da filosofia, os Surdos foram jogados de cima da montanha, por serem considerados deficientes, incapazes e indesejáveis para a sociedade homogeneizada com suas regras únicas e onipotentes. Deficientes, como os Surdos, não serviriam para nada. Pela influência filosófica, foram implantadas leis judiciais, tornando-os incapazes de servirem a sociedade. "*Aristóteles considerava que a linguagem era o que devia condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o Surdo era considerado não humano*".(MOURA p.16, 2000).

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da ciência, os Surdos para serem homogeneizados, serviram de cobaia, assim como escreve MOURA, p.25, 2000: "*Para realizar seus estudos, ele (Jean Marc Itard) dissecou cadáveres de Surdos e tentou vários procedimentos: aplicar cargas elétricas nos ouvidos de Surdos, usar sanguessugas para provocar sangramentos, furar as membranas timpânicas de alunos (sendo que um deles morreu por este motivo),... fraturou o crânio de alguns alunos e infeccionou pontos atrás das orelhas deles*", com os exercícios das cruéis extirpações carnisais, sem preocupação com a subjetividade dos Surdos, tampouco explicou a importância de suas pesquisas para a ciência e as extirpações com ou sem a devida autorização e conhecimento dos Surdos.

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da religião, os Surdos foram encaminhados à força para serem oralizados a fim de que suas orações pudessem chegar aos ouvidos de Deus, como diz SKLIAR, p.17, 1998 "*... a importância da confissão oral...*". Nem na Bíblia, Deus questionou os pontos críticos da deficiência dos surdos-mudos e nem os impôs a oralização para fazê-los chegar aos ouvidos D'Ele. Ele permitiu que procriasse os "deficientes" para que as pessoas aprendessem a conviver uns com os outros, de acordo com o máximo preceito de Jesus Cristo: "*Amar o próximo como a si mesmo*". E assim como diz KARDEC (1978): "*E com que direito exigiríamos de nossos semelhantes melhor tratamento, mais indulgência, benevolência e devotamento, ao que lhes damos.*"

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da antropologia, os Surdos, assim como militantes negros, cegos, japoneses, samoanos, índios e indivíduos de determinados grupos encontraram seus espaços, reconhecendo que a lei divina e civil elaborado pelo "outro" estavam servindo como agentes reguladores ou de reparação, pois em vez de servir ou levá-los a "normalidade", desprezava-os, estimulando-os a criar um grupo, uma raça ou uma nação autônoma e independente para reivindicar seus direitos sociais como uma regra comprometida.

---

<sup>1</sup> Denomino a letra "s" da palavra "Surda" em letra maiúscula por questão cultural e política.

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da sociologia, os Surdos, nos espaços criados pela cultura e por comportamentos adquiridos (que podem ser em um mesmo país ou fora deste, isto é, independentemente do lugar onde estão inseridos, criando suas raízes, estabelecendo afinidades pelos irmãos e sendo rejeitados pelos outros) criaram uma comunidade como instrumento de luta e de proteção que busca sua emancipação, seus direitos naturais e respeito aos deveres e obrigações sociais. Éramos controlados e passamos a ser agentes controladores ou de reparação social (no caso das nossas necessidades para suprir a falta da comunicação) a fim de regularizar as relações sociais. Como exemplo, citamos o reconhecimento das Línguas de Sinais e da profissão de Intérpretes de Língua de Sinais como necessidade primordial, apesar da "deficiência" dos usuários e não nativos destas línguas.

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da educação, os Surdos, que eram o "povo" ou "a nação" no século XIX, tinham todas as conquistas políticas, sociais, econômicas e educacionais, se formavam como "intelectuais", professores, pesquisadores e fundadores de escolas nacionais e internacionais (no Brasil, EUA e outros países). O medo do poder "paralelo" e do crescimento de uma "nação surda" possibilitou a destruição das Línguas de Sinais e, como diz MOURA (p.48, 2000), *"uma das conseqüências do Congresso de Milão foi à demissão dos professores Surdos e a sua eliminação como educadores"*. Com o Congresso de Milão, pela sua hegemonia e rejeição do "outro", de aceitar outros seres diferentes, os dominantes usaram instrumentos políticos de "banimento": excluíram as Línguas de Sinais dos Surdos para estes serem oralizados (Vale ressaltar, que particularmente, não tenho nada contra a oralização, pois sou bilíngüe, mas luto com a alma e a ideologia dos Surdos e de nossa cultura.), e isto serviu àqueles poucos com situação econômica melhor e com mais acesso às informações e construção da subjetividade e cognição. Os banidos foram rejeitados, denunciados, rotulados e tiveram destruída a auto-estima. E como se fosse no panorama da guerra dos EUA contra o Iraque ou guerra da Coréia do Norte contra a Coréia do Sul, tivemos a guerra do "Mundo da Voz" contra o "Mundo da Língua de Sinais". A educação, com este modelo homogêneo, fracassou e a Declaração de Salamanca implantada na Espanha, há mais de 10 anos, não funcionou como o esperado em seu próprio país. Implantaram uma Educação Bilíngüe que pode não ser um modelo de educação viável, mas politicamente, está sendo identificada como uma das soluções para não delimitar os seus espaços físicos no lugar-comum: nós e os "outros". A educação bilíngüe é um instrumento político e de reparação pelo que nos fizeram há séculos, pois a metodologia oralista não serviu para suprir as necessidades dos surdos menos influentes econômica e socialmente para serem atendidos e que não tiveram privilégio de ter acesso às informações e às tecnologias. Tampouco prepararam e conscientizaram as famílias para a aceitação dos "outros" e pelas regras, rejeitaram e fizeram os "outros" dependentes de modo involuntário e inconsciente. Esse é o mal e nós, os novos agentes reguladoras e de reparação, devemos usar todos os instrumentos para tirá-los da ineficiência, da incapacidade e da rotulação que os reconhece como tal.

### **Onde você quer chegar?**

Em nome da política, nós, os Surdos, como agentes reguladores e de reparação do "mal" em seu espaço físico, cultural e de comunicação, lutamos para engajarmos os nossos papéis como "diferentes" em relação à língua, seja Língua Nacional ou Língua de Sinais, dependendo da modalidade que carregamos. A língua materna tem dois sentidos (em dois contextos): uma pode ser adquirida na família e a outra que é adquirida no contato social com o "outro". Para garantirmos nossos direitos, lutamos pelo que é nosso, assim como os "outros", assim como negros, japoneses, militantes do "movimento do sem teto", etc, temos nossos projetos e nossas metas: escola bilíngüe, material visual, pedagogia dos Surdos, língua portuguesa como língua estrangeira para Surdos, tecnologia de ponta, acesso às informações e, paralelamente, comunicação acessível a todos e não a uma minoria que é privilegiada pelo modelo homogêneo construído pelos "outros".

### **Onde você quer chegar?**

Nas questões filosóficas, científicas, religiosas, antropológicas, sociológicas, educacionais e políticas, nós, os Surdos, em nossos espaços, denominados de "povo" ou "nação surda", temos os nossos direitos, que nos foram negados, e não somos mais usados como cobaias para os serviços religiosos, científicos, tecnológicos, educacionais e outros dos "outros" e sim queremos ser aceitos, de modo objetivo e subjetivo, sob os olhares dos outros como seres capazes e atuantes dentro da sociedade. Um "apartheid" foi formado para nós sem que pedíssemos. Não nos quiseram ouvir, nem ver, e como uma desculpa dissimulada, inventaram este "apartheid".... Um "apartheid" foi formado por eles mesmos (os dominantes) já que nós não pedimos nada. A palavra "apartheid" ou gueto foram as melhores, já que lá podemos viver em paz e desfrutar do convívio social sem nenhum risco para nós. No nosso "gueto", se é assim que querem denominar nossa comunidade, temos um espaço nosso, um lugar nosso para construirmos a nossa subjetividade, para ficarmos mais fortes e enfrentarmos o que houver lá fora.

**Onde você quer chegar?**

Concluindo, cada pessoa tem o direito de criticar tudo o que lhe parecer incoerente mas penso que as entidades têm o dever de se manterem coerente com suas ideologias, como é o caso do CVI – Centro de Vida Independente, cuja filosofia e trabalho, que conheço há muitos anos, se dedica ao propósito de oferecer oportunidades aos “deficientes”. Ideologicamente, as pessoas podem e devem ter opiniões divergentes. Neste caso, temos as nossas diferenças, por um lado, uma surda com identidade clínica e por outro, uma Surda com identidade política e cultural, mas isso não nos impede de convivemos em nossos papéis dentro da sociedade, trocando as nossas experiências e vivências ideológicas, políticas, educacionais, filosóficas e sociológicas. Basta vivermos as nossas “diferenças” da surdez e da identidade cultural e política, com a nossa bandeira de luta e de movimentos sociais, que já estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa. ANAHI, obrigada pelo seu incentivo, que me possibilitou escrever, após vários meses de reflexão, e poder construir este texto.

**Referência Bibliográfica:**

- GOFFMAN, Erwing. Estigma; notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Guanabara, 1988
- KARDEC, Allan. "Evangelho Segundo o Espiritismo", Rio de Janeiro: Federação Espírita. 1980.
- MOURA, Maria Cecília de. O Surdo; caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000.
- SKLIAR, Carlos (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

**Co-autoria:** Beneficiária de auxílio financeiro da CAPES-BRASIL. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO / E-mail: [anaregina@uol.com.br](mailto:anaregina@uol.com.br) / Abril de 2006

**Anexo** ao texto "**ONDE VOCÊ QUER CHEGAR?**" de **ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO** publicado no site da Editora ARARA AZUL ([www.editora-arara-azul.com.br](http://www.editora-arara-azul.com.br)) em abril de 2006

## **DIFERENÇAS**

**Por ANAHI GUEDES DE MELLO**

*Aceita sua sina, poeira de estrelas mortas!  
Sua sina é pensar sua existência!*

O que precisamos discutir é que modelo de inclusão queremos, visto que os Surdos querem a 'apartheid'.

Recentemente foram veiculadas notícias que nada mais mascaram explicitamente o "Nacionalismo Surdo":

Os deficientes auditivos são uma nação à parte? Leia em: <http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=7809&codtipo=1&subcat=31&canal=visao>

Americanos planejam a primeira "cidade para surdos", diz New York Times. Leia em: <http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=7858&codtipo=1&subcat=46&canal=ligado>

Em torno do que essas notícias giram e com elas seus defensores justificam a existência de uma "Cultura Surda", com seu inescandível e fervoroso "Orgulho Surdo"? Nas línguas de sinais, quaisquer que sejam. Dizem que a língua de sinais é a língua natural dos surdos. Mas permitam-me questionar isso, porém não querendo com isso desmerecer as várias línguas de sinais no mundo inteiro, posto que eu um dia pretendo aprender uma. A pergunta maior que fica no ar é: será que as línguas de sinais são inclusivas?

Em primeiro lugar, não existe isso de uma língua de sinais ser a língua materna de todos os surdos ou pessoas com deficiência auditiva. Muito menos que ela seja "a língua natural dos surdos". Se assim o fosse, então todos os surdos, incluído eu, teríamos essa língua como regra, o que não é verdade. Pensemos bem: por que razão falamos, escrevemos e pensamos em português e não em inglês ou espanhol ou francês? O que nos fez ter o português como nossa língua materna não é o processo natural em si mas a sua aquisição cultural. Logo, língua alguma é natural, é aquisição cultural. O que é natural é a linguagem. Língua e linguagem são duas coisas completamente diferentes, isso os lingüistas sabem muito bem.

Em segundo lugar, minha pergunta baseia-se muito mais fortemente em ver a surdez como uma questão sociológica, muito mais do que a simples questão de querer enxergar a surdez, segundo alegam a corrente antropológico-cultural da surdez, como uma diferença.

Tenho observado, mesmo porque já trabalhei numa empresa de microeletrônica e portanto vi isso de perto em diversas oportunidades, que as mães de pessoas surdas não oralizadas são quem vai direto às empresas conversar com os chefes para pedir empregos para seus filhos surdos, o que assinala, a meu ver, a dependência familiar, mesmo quando se trata da vida profissional. Assim, as mães também participam como "atrizes sociais" desse processo. Essa questão é bem delicada e tem a ver com o fato do surdo não dominar a língua portuguesa oral e escrita, ficando mais restrito à língua de sinais.

Tenho também observado que a questão da escrita nestes casos tem sido um impedimento para a inserção no mercado de trabalho desses surdos, já que estes muitas vezes não a dominam também. No entanto noto que as empresas estão, na sua grande maioria, desenvolvendo cursos de Libras (língua brasileira de sinais) para facilitar a comunicação entre os empregados ouvintes e surdos, partindo de uma visão equivocada sobre as pessoas surdas.

Tenho observado também que os surdos oralizados são os que mais êxito obtêm na vida, inclusive profissional e social, embora problemas ainda existam. Os cegos há muito descobriram que saber o Braille não lhes garante um futuro profissional. Da mesma forma, os surdos saberem só língua de sinais não lhes garante isso, visto que não se podem obrigar as empresas a possuírem transcritores para Braille, muito menos forçá-las a adotar a Libras. Ora, se o cego não pode ler o que se escreve a ele e os demais não podem entender o que ele escreveu, resta-lhe o mais baixo dos mais baixos níveis de trabalhos manuais, o que dirão dos surdos?

Imagine agora que os surdos conquistem o que estão pretendendo. Sua escrita não poderá ser corrigida e, por esse motivo, ele não poderá ser reprovado. Então, quando ele se empregar, não saberá ler o que se escreve a ele, bem como ninguém entenderá o que ele escreveu. O resultado é que, perante a sociedade ouvinte que os Surdos (em "s" maiúsculo como eles fazem tanta questão, é claro) tanto "repudiam", eles serão analfabetos e, mesmo com política de cotas, será difícil empregá-los. Pior do que isso, eles pleiteiam que os pais tenham suas ausências para aprender Libras remuneradas pelo empregador, como se os pais que fossem aprender Libras ou o Braille pudessem abandonar o trabalho para isso. O resultado é que vão estender a discriminação a eles também, visto que não somente os surdos custaram mais caro, como também os familiares.

O que precisamos discutir é que modelo de inclusão queremos, visto que os Surdos querem a "apartheid".

Eu poderia até ponderar que os argumentos desses Surdos fossem válidos se eles não passassem de sofismas. Por exemplo, o argumento de que, se o piano estiver longe do pianista, fica impossível tocá-lo, é extremamente válido mas não justifica puxar o piano ao invés de se empurrar o banquinho do pianista. O que eles querem é que a sociedade curve-se perante as particularidades dos surdos e que ela aceite que eles são uma subespécie da raça humana, cuja sociedade permeia a nossa. E permear não tem nada a ver com incluir.

O que estou dizendo é que, não importando se o surdo se comunica em língua de sinais ou é oralizado, ele precisa conviver na mesma sociedade que eu ou você. Terá que assinar contratos de aluguel, ler instruções de equipamentos eletrônicos, procurar ruas nos guias e tudo o que uma pessoa comum tem que fazer para incluir-se no meio maior.

Resumindo, é evidente, claro e cristalino que eu entendo que os surdos tenham dificuldades adicionais, caso contrário, a surdez não seria uma deficiência. Isso, no entanto, não implica em que os surdos não aprendam o idioma de seu país porque, independentemente da vontade do indivíduo, ou mesmo do grupo, é o idioma que rege as relações sociais em nosso país e o surdo que não o dominar corre sério risco de exclusão em diversos setores da sociedade.

Para terminar, quero alertar para a existência de um sutil apartheid entre os surdos e o resto da sociedade. Achar que resolver todos os problemas simplesmente aceitando que os surdos são diferentes do resto da sociedade como argumento é deveras sedutor, é o fim da picada, é a transcrição do "paz e amor" com anos de atraso.

A questão não é o surdo ou o ouvinte, o cego ou o vidente, o cadeirante ou a pessoa que anda normalmente. A questão é a distorção do entendimento da inclusão e da guetificação. Se divergimos sobre o que é inclusão, como é que poderemos lutar por ela? Se incluir é respeitar as diferenças e manter cada um em um grupo fechado, então deveremos tomar um caminho. Por outro lado, se incluir é, respeitando-se as diferenças, criar meios de convivência, então o caminho deverá ser outro. Mesmo no mundo do trabalho.

Nunca se esqueçam - nunca mesmo - de que o argumento da África do Sul para implantar o apartheid foi justamente o de que os negros eram diferentes dos brancos e que, respeitando-se as diferenças, o desenvolvimento deveria ocorrer paralelamente e não em conjunto. Assim, qualquer semelhança entre esses casos reais terá sido mera coincidência.

#### **ANAHI GUEDES DE MELLO**

Membro-integrante do grupo de pesquisa em Acessibilidade & Tecnologias do Laboratório de Experimentação Remota da Universidade Federal de Santa Catarina (RExLab/UFSC) e presidente do Centro de Vida Independente de Florianópolis (CVI-Floripa)  
[anahi@saci.org.br](mailto:anahi@saci.org.br)

Agradecimento especial a Luiz Alberto M. de Carvalho e Silva.

Florianópolis, abril de 2005.

Fonte de Consulta:

<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=7980&codtipo=1&subcat=123&canal=seuespaco> - Inserida em: 14/4/2005